

## HISTORIOGRAFIA E TESTEMUNHO HISTÓRICO (\*)

Jayro Gonçalves Melo (\*\*)

Tem-se reservado aos epistemólogos a tarefa de esquadrihar as obras científicas, em busca das imprecisões e dos limites do conhecimento, tanto na área das ciências exatas quanto na das ciências humanas. É uma tarefa bastante útil e necessária, não há dúvida, mas tendente a ser vista com direito de exclusividade no domínio dos textos, inclusive aqueles que para nós interessam mais de perto, os textos historiográficos.

Herança do cientificismo do século XIX, a função do historiador frente aos fatos históricos tem sido trabalhar no levantamento de dados através das fontes reconhecidamente históricas, entre as quais não parece figurar a obra do próprio historiador, também agente da história. Normalmente, um historiador, quando analisa a obra de outro, o faz para refutar idéias sobre determinados acontecimentos, para contestar a validade de certos conceitos ou para fazer apologias. Dificilmente se propõe a buscar nas interpretações historiográficas, dados que possam qualificá-las como testemunhos da história.

Recriar a história é um ato que exige apelo às fontes de informação sobre o passado. Essas fontes são os

---

(\*) Texto apresentado na "II Semana da História", em Franca, sob o título "As Obras Historiográficas como Fontes da História", e publicado na "Memória da II Semana da História, 1980.

(\*\*) Professor Assistente - Teoria da História - Departamento de História do ILHP - Campus de Assis - prestando docência no IPEA - Campus de Presidente Prudente.

testemunhos expressos materialmente nos documentos legados pelos homens e que, segundo Marc Bloch, podem ser voluntários ou involuntários. Testemunhos voluntários são aqueles deliberadamente destinados à informação do leitor. Como exemplos podemos citar o diário de Maria Graham sobre sua viagem ao Brasil na segunda década do século XIX e (mais antigo e clássico dos textos) a obra de Heródoto, escrita a fim de "evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos gregos, assim como as dos bárbaros permanecessem ignorados (Heródoto, 1964: V.1. p.5); involuntários são os testemunhos dos textos sagrados, dos testemunhos, documentos secretos, moedas e muitos outros não destinados explicitamente a documentar uma época para que dela se tenha conhecimento no futuro. Entretanto, deve-se acrescentar, voluntária e involuntária a um só tempo pode ser a obra historiográfica.

Não obstante resultar de inquirição aos testemunhos, o discurso do historiador deve ser considerado também um testemunho e, deste modo, sujeito a questionamento. Consiste basicamente em dois níveis: nível do conteúdo e nível formal. Nível do conteúdo é aquele em que se apresentam as informações factuais através de seleção e interpretação do autor. É aí que a obra pode manifestar-se como testemunho voluntário dos eventos históricos. O autor individual tem mais liberdade de ação consciente e deliberada na coleta e organização do material empírico necessário para elaboração do seu texto. E é sua erudição na reconstituição dos fatos que o qualifica honesto ou desonesto, capaz ou incapaz, preciso ou impreciso.

Para que o mundo recriado na obra se manifeste de maneira ordenada e coerente, faz-se necessária a existência de uma estrutura, de uma rede de relações que possa dar forma à massa amorfa e dispersa dos fatos empíricos. É o nível formal da obra. Nele, a imaginação e o pensamento conceitual figuram como elementos indispensáveis para recriar o real e, assim atender expectativas socialmente determinadas.

Uma obra só tem sentido, só é significativa, se atender às necessidades de um grupo social. Para que isso a-

conteça, deve extrapolar o indivíduo que a cria a ser uma resposta às ansiedades e inquietações coletivas. E essa resposta expressa-se através de valores também coletivos. Logo, ao mesmo tempo em que se sensibiliza com o discurso e sofre sua influência, o grupo social impõe-se como seu sujeito criador em última instância.

É ao nível formal, portanto, que a obra historiográfica pode ser analisada como testemunho involuntário do seu tempo e do grupo social que a gerou, seja ele uma classe social, uma fração de classe, uma nação... Isto é, perceptível quando se parte da aceitação de três condições básicas:

- 1) a organização interna da obra é realizada através de categorias consideradas indispensáveis para os enunciados do discurso;
- 2) sua estrutura, elaborada através de determinados enunciados, constitui expressão do sistema de valores do historiador;
- 3) o historiador expressa, através do seu discurso, um sistema de valores socialmente determinado.

A primeira dessas condições, além dos limites de terminados pelas categorias mais gerais do pensamento, encontra resistência nas categorias específicas do conhecimento histórico (Stern, 1963: 85). Assim, tipos conceituais como evolução, revolução, desenvolvimento, direito, democracia, imperialismo, raça, classes, progresso, civilização, ordem, guerra, amigo, inimigo, etc., determinam os princípios seletivos dos fatos e se impõem na elaboração do discurso historiográfico como categorias indispensáveis para sua existência. João Capistrano de Abreu, por exemplo, utilizando-se de alguns conceitos enumerados acima, escreveu o seguinte sobre o destino que os índios brasileiros davam aos prisioneiros de guerra: "O sentimento de fraternidade, ou interesse de outra espécie, não os levava a incorporá-los pela escravidão, lançando deste modo as bases da agricultura e do progresso: eis por que os devoravam ou matavam, e assim, a guerra que em outros climas

foi um instrumento de civilização, em nossa pátria concorreu para perpetuar a barbaria (ABREU, 1975:43). Nesta frase encontra-se implícito o seguinte enunciado: A escravidão é a base histórica da civilização. Note-se que o autor utilizou determinadas categorias, sem as quais não poderia manifestar o seu pensamento.

Segunda condição: como o historiador (ou qualquer indivíduo que crie uma obra, seja ela historiográfica, filosófica ou literária) deve expressar-se através e no interior de um sistema de valores, inevitavelmente seu discurso será estruturado segundo os valores do seu próprio sistema. Quando Capistrano emite um enunciado segundo o qual a escravidão é a base da civilização, está expressando-se através de um sistema de valores fundamentado no escravismo. Segundo seu universo conceitual, a escravidão é concebida como instituição natural na linha de formação histórica da nação brasileira, cuja finalidade está na civilização de base capitalista-industrial. O próprio conceito de civilização tem conteúdo específico. É o de civilização industrial de modelo europeu. Portanto, os fatos essenciais para um historiador são aqueles que ele seleciona segundo seu padrão de valores.

Terceira condição para se considerar uma obra historiográfica testemunho involuntário da história: o historiador expressa, através do seu discurso, um sistema de valores socialmente determinado. Nenhum indivíduo age isoladamente. "O sujeito da ação é um grupo, um 'Nós', mesmo se a estrutura atual da sociedade tende, pelo fenômeno da reificação, a ocultar esse 'Nós' e a transformá-lo em uma soma de várias individualidades distintas e fechadas umas às outras (GOLDMANN, 1971 25). Assim sendo, há de se encontrar o sujeito da obra historiográfica no coletivo. O historiador é o instrumento para sua realização. Mesmo admitindo um esforço do autor individual para limpar seu texto de valorações morais, estéticas, religiosas, etc., conscientemente perceptíveis (e é nesse esforço que ele pode ter a ilusão de ser objetivo), o seu discurso será sempre resultado de levantamento, seleção e ordenação de fatos no interior de um quadro de referências socialmente de

terminado. Sendo o historiador um ser social, sua objetividade de será sempre relativa, válida para o grupo que se expressa através dele e para o momento específico em que a obra é produzida. Seu projeto historiográfico nasce de tenções vividas pelo estrato social a que ele pertence ideologicamente. As sim, expressa tendências do grupo em relação a suas aspirações para o futuro. Em um trabalho sobre Capistrano de Abreu, procuramos demonstrar que sua obra expressa as tendências - mais conservadoras da classe dominante no Brasil do final do século XIX: as tendências monarquistas e escravistas. Não há uma frase sequer em que o autor se declare monarquista e escravista. Entretanto, seu discurso de historiador reproduz o universo da fração monarquista da classe dominante.

a) natural e necessária na ordem econômico-social segundo a visão dos monarquistas, a escravidão inscreve-se, no discurso, como elemento necessário para se pensar o progresso de um povo em direção a uma civilização (historicamente existente enquanto modelo);

b) o patriarcalismo era a mais tradicional das instituições, homóloga ao poder monárquico defendido pelos conservadores; em Capistrano o Estado é necessariamente centralizador, e como tal muito mais justo nas mãos do monarca, que se identifica com o "pater familiae", do que nas mãos de qualquer um que possa estar ou não no poder;

c) no universo conservador, a queda da monarquia foi um acontecimento trágico; em Capistrano, o destino de um povo subjugado pelo meio tropical e, portanto, naturalmente - disperso, contando apenas com o poder do Estado para realizar e manter a unidade nacional, é da mesma forma trágico. Desta maneira, Capistrano figura como agente capaz de expressar, ao nível formal, as desesperanças e frustrações de um grupo social em determinado momento histórico. Nessa medida, seu discurso historiográfico testemunha a realidade histórica, se considerarmos como um dos componentes dessa realidade as idéias dos homens sobre o mundo.

Portanto, para se considerar uma obra historiogrâfica testemunho histórico, deve-se levar em conta não apenas

o passado que ela analisa, mas a forma como, no seu presente, o interpreta.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, João Capistrano de - Ensaio e Estudos: Crítica e História. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1975
- GOLDMANN, Lucien - Le Dieu Caché (Étude sur la vision tragique dans les Pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine). Paris, Gallimard, 1971
- HERÓDOTO - História. Rio de Janeiro, W.M.Jackson Inc., 1964.
- STERN, Alfred - La Filosofía de la Historia y el Problema de los valores. Buenos Aires, EUDEBA, 1963

## ERRATA

- p. 54 - 11.<sup>a</sup> linha, onde se lê "(Herédote, 1964:v.1. p.5); involun-  
tárias são os testemunhos", leia-se "(Herédote, 1964:v.1.  
p.5). Involuntárias são os testemunhos".
- p. 54 - 12.<sup>a</sup> linha, onde se lê "das testemunhos", leia-se "das tes-  
tamentos".
- p. 54 - 2º parágrafo, 7.<sup>a</sup> linha, onde se lê "real e, assim atender  
expectativas", leia-se "real e, assim, atender expectati-  
vas".
- p. 55 - 1.<sup>a</sup> linha, onde se lê "extrapolar e indivíduo que a cria a  
ser uma resposta", leia-se "extrepolar e indivíduo que a  
cria e ser uma resposta".
- p. 55 - 1º parágrafo, 4.<sup>a</sup> linha, onde se lê "Iste é, perceptível",  
leia-se "Iste é perceptível".
- p. 56 - 2º parágrafo, 8.<sup>a</sup> linha, fechar aspas após "fechadas umas  
as outras".
- p. 57 - 4.<sup>a</sup> linha, onde se lê "tanções", leia-se "tensões".
- p. 58 - penúltima linha da Bibliografia, onde se lê "Prebelma"  
leia-se "Problema".